

# ENTRE ASPAS 40 anos



Elementos e peças de valor decorativo ou monumental, perdidos ou que poderão estar em risco.



# 40 ANOS DE ENTRE ASPAS

## RELEMBRAR O PASSADO, PARA CONTINUAR O FUTURO

As efemérides ou celebração de aniversário são, entre outras razões, um momento de regozijo por ter-se vencido a barreira implacável do tempo e conseguido, com isso, a durabilidade que representa, por si só, uma vitória apreciada. Este suplemento que a Direção do Diário do Minho teve a generosidade e a cumplicidade de proporcionar, a somar-se a tantas outras manifestações de apreço com que nos tem brindado, ao longo dos nossos quarenta e sete anos de existência, traduz esse regozijo de celebração dos 40 anos de publicação da coluna “Entre Aspas”, nas páginas desse prestigiado e veterano periódico bracarense. Uma celebração que deu pretexto a que solicitássemos a personalidades várias, com percursos e posturas próprias, convergindo, porém, todas no facto de lidarem de perto, em vários momentos ou durante todo este tempo de vida associativa com a ASPA, trazerem para aqui, de forma simples e sincera, o que lhes oferece dizer a respeito da luta pela salvaguarda e pela defesa sem quartel que a ASPA, desde a primeira hora, leva a cabo em prol do património construído e natural de Braga (cidade, concelho e região).

A todos os que se associaram a esta iniciativa, o nosso grato OBRIGADO.

Armando Malheiro da Silva  
(Presidente da ASPA)



### Jornal ao serviço do leitor

Monsenhor Silva Araújo  
Diretor do Diário do Minho de 15/04/1970 a 31/08/1997

Sempre entendi e entendo que uma das grandes missões do jornal é a de, com critério, informar do que interessa ao leitor ou daquilo por que o leitor se deve interessar. No exercício da missão de informar também compete ao jornalista ser uma espécie de despertador de consciências.

Porque além de informar também é espaço de diálogo, considero o jornal indispensável ao bom funcionamento da democracia contribuindo para a existência de cidadãos cada vez melhor informados e, conseqüentemente, mais livres e mais responsáveis.

De harmonia com estas convicções, no exercício da minha atividade jornalística, consciente de que nas sessões da Câmara e da Assembleia Municipal se debatiam os tais assuntos de interesse para o cidadão ou por que o cidadão se devia interessar, sempre que tais sessões eram abertas à Comunicação Social procurava não faltar. E produzia uma informação o mais possível completa e independente.

Também considerava dever do jornal abrir-se, criteriosamente, à colaboração dos leitores, diretamente ou através de associações que os representam. É uma forma de contribuir para a correta formação da opinião pública.

Surgiu, pois, de uma forma natural, a abertura das páginas do «Diário do Minho» à colaboração da ASPA - Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural.

Quatro décadas passadas digo aos responsáveis da ASPA que, colocando sempre o bem comum acima de interesses particulares, não deixem de contribuir para a defesa do nosso património material e imaterial e de, criteriosamente, denunciando erros e respeitando quem erra, darem o seu contributo para a melhor solução dos problemas que se colocarem à sociedade bracarense. E colaborarem na existência de cidadãos cada vez melhor esclarecidos.



### “Entre Aspas”: 40 anos na defesa da cultura e do património

Damião Pereira  
Diretor do Diário do Minho desde 1/11/2012 até ao presente

A rubrica “Entre Aspas”, que quinzenalmente e desde 1984 faz parte da edição impressa do Diário do Minho, está a celebrar 40 anos. Em boa hora, a Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural (ASPA) viu no Jornal *Diário do Minho* um parceiro imprescindível para, através das suas páginas, denunciar a série de atentados de que o património era alvo, a maior parte das vezes, para dar andamento a construções que em nada justificavam a delapidação de tão rico espólio, de que Braga foi e é “portador” desde os primórdios da sua fundação.

De profunda atividade na defesa, salvaguarda e reafirmação da cidadania bracarense no que toca à monumentalidade e história da nossa Bracara Augusta, mas também de outras localidades, nomeadamente por este Minho fora, souberam os responsáveis da ASPA entender-se com as várias direções deste Jornal no sentido de que uma publicação é tanto mais rica quanto mais de perto conseguir apontar para o interesse comum de cada cidadão.

O alerta para a consciência cívica dos bracarenses passou, e passa ainda hoje, pela página “Entre Aspas”, que tão bem a ASPA sabe utilizar, e de que são exemplos o Mosteiro de Tibães, a colina da Cividade, a Fonte do Ídolo, o complexo das Sete Fontes, a sala egípcia de Braga, a quinta dos Peões, o “boom” dos centros comerciais, referindo apenas uma ínfima parte das denúncias deixadas pela Associação.

Assumindo, sempre, uma posição irrenunciável na defesa do património natural e cultural, foi a ASPA muitas vezes “vítima” das suas posições e o *Diário do Minho* criticado por dar “guarida” às suas ações de salvaguarda e valorização do património edificado e ambiental.

Nunca as críticas nos fizeram recuar. Sabendo da impossibilidade de agradar a todos, no que à defesa da cultura diz respeito, pode a ASPA continuar a contar com o espaço que o *Diário do Minho* quinzenalmente lhe disponibiliza.



## Património e Sociedade

Laura Castro  
Vice-presidente do Património Cultural, IP

Formada por cidadãos interessados, atentos, empenhados em divulgar e discutir as mais diversas questões patrimoniais que têm impacto na vida da sociedade, na organização e na qualificação do seu território, dedicados à proteção dos bens culturais e à sua classificação, a Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural (ASPA) tem décadas de experiência na intervenção cívica orientada para o património.

É sintomático que o nascimento da Associação tenha sido despertado pelo riquíssimo legado de Bracara Augusta e pelo universo arqueológico que é leito da Braga atual, e que um olhar informado sobre esse passado tenha inspirado convicção e utopia.

Com vontade de influenciar as decisões das entidades oficiais, locais, regionais ou nacionais, a ASPA tem ocupado o espaço mediático para trazer a público os casos que considera merecedores de debate, o que conseguiu através da colaboração “Entre Aspas” no Diário do Minho.

Como diretora regional de Cultura do Norte, percebi a persistência da ASPA e o seu modo de atuar, entre expectativa e desencanto, entre esperança e celebração, e estou certa de que continuarei a testemunhá-los como vice-presidente do Património Cultural, IP. Não poderia, pois, deixar de corresponder ao pedido de um depoimento sobre a página “Entre Aspas”.

Conjunto de objetos materiais e de manifestações imateriais, matéria de gestão e de políticas públicas, o património é também campo dotado de dimensão antropológica e viva que mobiliza os cidadãos para a ação. Ocorreu-me, naturalmente, Françoise Choay que, no seu *Le Patrimoine en questions. Anthologie pour un combat*, de 2009, milita e combate não pela museificação do património, mas pela *prática memorial* (em itálico, palavras suas). E ocorreram-me, ainda, as palavras de Angela M. Labrador e Neil. A. Silberman, de 2018, sobre o património como *prática social*.



## Os 40 anos do “Entre Aspas” – 40 anos de serviço público

José Manuel Lopes Cordeiro  
Antigo Presidente

De todas as actividades que a ASPA desenvolveu ao longo da sua existência, e foram muitas, a publicação regular do “Entre Aspas” terá constituído aquela que, provavelmente, mais contribuiu para a consciencialização dos cidadãos bracarenses sobre a importância da salvaguarda do património histórico e cultural da cidade.

Desde o início da sua publicação, o “Entre Aspas” constituiu um instrumento de esclarecimento dos problemas que se colocavam ao rápido crescimento da cidade, particularmente nos anos 80 e 90 do século passado, defendendo não apenas a necessidade do estudo e da preservação do seu património, mas também o enquadramento deste desiderato no âmbito de uma política urbanística consequente, que garantisse a qualidade de vida de todos os cidadãos.

A actividade da Aspa não incidiu apenas – como se pode constatar no primeiro Entre Aspas publicado em 13 de Fevereiro de 1984 – na salvaguarda do património histórico e cultural da cidade, mas também, numa iniciativa que podemos considerar pioneira, na defesa do património ambiental, nomeadamente o combate à poluição dos rios e à poluição sonora, problemas de que frequentemente as entidades responsáveis têm tendência a ignorar.

Deste modo, a ASPA e o “Entre Aspas” estão de parabéns pelo seu trajecto ao longo destas quatro décadas, e esperamos que continuem a trilhar este caminho que constitui, sem sombra de dúvidas, um autêntico serviço público.



## ASPA, por todos nós

Ricardo Rio  
Presidente da Câmara Municipal de Braga

Ao longo dos anos, a ASPA tem desempenhado um papel fundamental no levantamento, preservação e promoção do nosso património cultural e natural, tornando-se uma referência para todos aqueles que valorizam a herança que nos foi legada.

A ASPA nasceu do espírito visionário dos seus fundadores, indivíduos movidos pelo desejo de salvaguardar as raízes da nossa identidade e o inigualável espólio histórico de que Braga ainda usufrui. Desde a sua fundação, a associação tem enfrentado desafios com coragem e determinação, consolidando-se como uma voz activa na defesa do nosso património.

A esse compromisso associa-se uma postura proativa, uma cidadania ativa, que visa contribuir para a construção de uma comunidade mais consciente e mais exigente em relação à salvaguarda e valorização desse património.

A diversidade de áreas de formação e atividade profissional dos seus membros mais enriquece esse espaço de intervenção pública, numa dialética sadia em que, em verdade, a ASPA também não tem sempre razão.

Hoje prestamos a merecida homenagem a todos os membros, cujo esforço tem ajudado a moldar o presente e o futuro da nossa comunidade. Ao destacar o trabalho da ASPA, enaltecemos não apenas uma organização, mas o respeito que se exige pela nossa História coletiva.

O Município de Braga está hoje fortemente empenhado em garantir a preservação, valorização e salvaguarda do seu património. Dizer que há um contributo determinante da ASPA para que assim seja não é algo que tenha de ser dito entre aspas.

Parabéns!



## Naturalmente, a ASPA!

Miguel Bandeira  
Antigo Presidente

Entrei para a ASPA no final dos anos oitenta por amor. Pela reafirmação a Braga, à minha identidade de infância, após de ter vivido mais de uma década fora. Conheci a ASPA quando os seus fundadores já não pertenciam à Direção, numa fase reativa e indexada ao rasto inamovível da, envelhecida, política municipal do património. Passados mais de 35 anos de ASPA, tendo de eleger a sua maior qualidade: a graça de ser uma irmandade entre progressistas e conservadores, de ter sido sempre um *fórum* onde a distinção entre a direita e a esquerda jamais fez qualquer sentido. A ASPA uniu os bracarenses de um modo espontâneo, sempre em torno da defesa, do estudo e da divulgação do património cultural, sobretudo, de Braga e do Minho. A ASPA é pioneira contemporânea na defesa e afirmação do património cultural e natural. Hoje, mais antiga pela idade do que no modo de intervir, ou do modo como se relaciona institucionalmente, a ASPA mostra-se como uma Associação fundamental e imprescindível para Braga. Como um dia alguém afirmou, Braga seria hoje diferente se não tivéssemos a ASPA. Fiel às suas origens, independente dos poderes partidários, institucionais e económico-financeiros. Mantém, é certo, o rasto matricial de uma certa exclusividade, que não sendo seletiva, ou aristocrática é, todavia, enraizadamente insubmissa e livre, também ela, das academias e das mais diversas corporações culturais e ambientalistas. Pertencer à ASPA não é tão simples como à primeira vista pode parecer. É preciso merecer!

Quarenta anos passados de “Entre Aspas”, uma das suas marcas mais indelévels da persistência e regularidade da intervenção pública da ASPA, haveria muito para recordar. Salientaria a inclusão do *cartoonismo* e a abertura à identificação dos autores dos textos. Tantos e tantos cidadãos passaram por essa coluna - mantida galhardamente pelo apoio indefetível do Diário do Minho e o seu princípio de liberdade de expressão – muitos sem serem associados da ASPA.

Por fim, entre muitas das lutas travadas pelo património, destacaria uma das que continua em devir, a defesa das Sete Fontes, monumento nacional de Portugal promovido pela ASPA, e que, por força do desejado parque natural urbano para aí anunciado, tem constituído ao longo destes últimos anos um dos principais desígnios da ASPA, e também de todos os bracarenses que amam Braga e agem de boa fé por ela.



## De Lisboa para a ASPA, o sortilégio de *Bracara Augusta*

Francisco Sande Lemos

Em 1970 entrei para a Faculdade de Letras de Lisboa. Ao tempo os estudantes lutavam em três frentes: concluir as disciplinas; renovar conhecimentos anquilosados; protestar contra a ditadura. O Estado Novo receava muito a agitação estudantil, devido ao repetido destaque na Imprensa internacional. Livros de autores franceses permitiam contacto com novas teorias. Neste singular contexto, em 1971/1972, eu e outros colegas, em conjunto com Eduardo da Cunha Serrão, avançamos para o Salvamento da Arte Rupestre do Tejo. A primeira grande operação neste domínio em Portugal.

O meu interesse maior eram os estudos de Pré-História Antiga. Porém em 1977, aceitei o convite de Francisco Alves para integrar a Direcção do Campo Arqueológico de Braga (CAB). A licenciatura em História fora concluída em 1976. E já dispunha de um curriculum vasto, tendo sido responsável por sucessivos trabalhos desde o segundo ano da faculdade.

Quando cheguei a Braga, já o CAB estava em marcha. A primeira etapa tinha sido estabelecida no ano anterior. Porém era necessário demonstrar que os vestígios de *Bracara Augusta* tinham sobrevivido aos alegados saques de visigodos e muçulmanos. Ora a CODEP/ASPA, que lançou o Salvamento de *Bracara Augusta*, era uma estrutura indispensável para tal. Pelo que, naturalmente, também integrei a ASPA. A articulação entre, a entretanto, recém-criada Unidade de Arqueologia da UM e a ASPA permitiu, ao longo de anos, uma excelente plataforma de comunicação com a cidade de Braga.

Tal como o Salvamento da Arte do Tejo também os primeiros anos do Salvamento de BA foram um desafio e uma aventura. As instalações na Cozinha e no Pombal da Casa dos Biscainhos eram exíguas. Mas os jardins deslumbrantes.

Nas décadas seguintes coordenei (mais a MM e a MD) os trabalhos de Arqueologia Urbana em Braga.

Depois de aposentado, continuei a colaborar com a ASPA, designadamente nos “Entre Aspas”, na sua maioria sobre *Bracara Augusta*.

Os dois salvamentos de Arqueologia portuguesa supra-referidos, sendo dos maiores realizados até hoje em Portugal e nos quais assumi responsabilidades de direcção, foram projectos que marcaram a Arqueologia portuguesa moderna. Tiveram continuidade em estudos científicos e trabalhos de campo, até hoje. Como associado da ASPA participei em diversas lutas e na intervenção pública da mesma.



## A ASPA deu voz aos espaços verdes de Braga

Raúl Rodrigues

Há 45 anos, um grupo visionário de defensores do património uniu esforços para criar a ASPA - Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património. Desde então, esta associação tem sido uma voz incansável na luta pela protecção e promoção do nosso legado natural e edificado.

É com orgulho que presto o meu testemunho, como colaborador, ao longo dos últimos 25 anos, no “Entre Aspas”, um espaço vital de colaboração da ASPA com o Jornal “Diário do Minho”. Por meio de diversos artigos, centrei-me na temática “património arbóreo da cidade de Braga”, destacando as práticas arborícolas de interesse duvidoso e preconizando uma gestão sustentável do arvoredado local.

No início, sentia-me como um soldado sem exército, lutando contra as “podas camarárias” e procurando, ao mesmo tempo, sensibilizar o poder político para a implementação urgente das boas práticas arborícolas, dirigindo-me ao público, em geral, e ao Executivo Municipal em particular. Após mais de duas décadas de luta incessante, sinto que valeu a pena este exercício de cidadania. Considero que a ASPA teve um papel meritório, abrindo as portas (mentes) para que a cidade de Braga ganhasse esta batalha, mas a guerra ainda não. Hoje, os tempos são outros e a população está mais vigilante, exigindo cada vez mais e melhor qualidade de vida, mais e melhores espaços verdes. Por outro lado, o olhar sobre o património arbóreo, por parte do poder político, também evoluiu. Para que tudo isso tenha sido possível, não posso deixar de agradecer o papel acolhedor e de abertura da ASPA, que contribuiu de forma significativa para que essa mudança tenha sido possível.

Por altura da celebração dos 40 anos de “Entre Aspas”, expresso a minha gratidão às Direcções da associação, por terem dado voz à defesa dos espaços verdes de Braga. O trabalho incansável e a dedicação demonstrados ao longo das décadas, são dignos de admiração e reconhecimento. Que este aniversário seja um momento de celebração, mas também de renovação do compromisso com a missão fundamental da ASPA: preservar e valorizar o nosso património edificado, cultural e natural para as gerações futuras.

Parabéns à ASPA e que os próximos anos sejam ainda mais frutíferos e inspiradores.



## Palavras leva-as o vento

Eduardo Pires de Oliveira

Sendo uma associação vigilante, a ASPA esteve, desde o primeiro dia, consciente da importância do contacto com os jornais e os jornalistas.

O trabalho pode ser bem feito, mas se não chegar às pessoas não cumpre os objectivos. Uma conversa de café ou uma queixa entre amigos não tem sequência. Não tem visibilidade.

Uma conversa passada para um jornal é totalmente diferente. Uma conversa com as pessoas das nossas relações pode ser, e é, importante porque nos permite pensar melhor. Mas, em geral, não sai do círculo dos amigos em que foi apresentada. E isso é muito pouco! Nada.

A ASPA sabe bem dessa realidade, desde muito cedo houve o cuidado de ter os jornais e os jornalistas como parceiros de trabalho. Independentes, claro; e fundamentais.

Um dia, no Porto, o acaso fez-me encontrar um colega com quem estivera no momento da fundação da ASPA, o João Rosado Correia. Naquele momento ele ocupava um cargo importante no nosso país, era Ministro da Administração Interna.

Depois do abraço e da alegria do reencontro, perguntou: *Como é que vai a nossa Associação?* E logo continuou: *temos trabalhado com os Jornais?*

Perante a minha resposta positiva ele ficou muito contente. Para reforçar a sua alegria disse:

*Todas as manhãs chego ao meu gabinete às 08h30. A primeira coisa que faço é ver os 2 ou 3 minutos que os telejornais dedicaram ao meu ministério.* E logo acrescentou: *depois pego no dossiê de imprensa e vejo-o com muito, muito cuidado, com muita atenção até cerca das 09h30.*

Como o seu tempo era muito escasso logo rematou: *palavras ou queixas que não cheguem à letra de imprensa, não têm visibilidade, são como se nunca tivessem sido ditas!*

É por isso que quando alguém me chega com uma queixa eu pergunto: *já mandou um texto para os jornais?* E logo acrescento: *as palavras que saem da boca perdem-se no vento, só ficam as escritas.*



## Um Entre Aspas necessário

Eduardo Jorge Madureira Lopes

A protecção e a valorização do património cultural e natural não têm sido prioridades na definição e prossecução das políticas municipais, como variados exemplos amiúde demonstram. Se – e quando – confrontado com outros “valores”, raramente é o património que prevalece. O que é considerado apelativo é “o novo” e “o passado” quase nunca é tratado como um bem vivo, portador de futuro. Escassas foram as autarquias que, ao longo dos 50 anos de poder local democrático, revelaram distinto entendimento. A cultura é, de resto, frequentemente, mais um enfeite, um somatório de iniciativas avulsas para ostentação fugaz, do que algo que vertebrasse uma acção política global.

Criar correntes de opinião que defendam a relevância de cuidar do que há de significativo no legado comum é um incontornável combate cívico. Em Braga, essa tarefa coube em considerável medida à Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural (ASPA).

Entre os momentos mais relevantes da história da ASPA, encontram-se, com certeza, os que ocorreram quando as tribunas mediáticas, como a que tem sido disponibilizada pelo Diário do Minho desde 1984, foram usadas para cumprir eficazmente os objectivos que o próprio nome da associação, aliás, em parte, identifica: impulsionar o estudo e a divulgação do património cultural e natural, denunciando os atentados de que são alvo; fomentar o espírito crítico em relação às políticas municipais, designadamente nos domínios urbanístico, cultural ou ambiental; mobilizar os cidadãos em defesa da sua herança cultural; estimular a criatividade em diálogo entre o património e as expressões artísticas e culturais contemporâneas. Valorizar o património é também reforçar a coesão social e a cidadania democrática. É obviamente preciso repeti-lo e o “Entre Aspas” é um espaço adequado para o fazer.

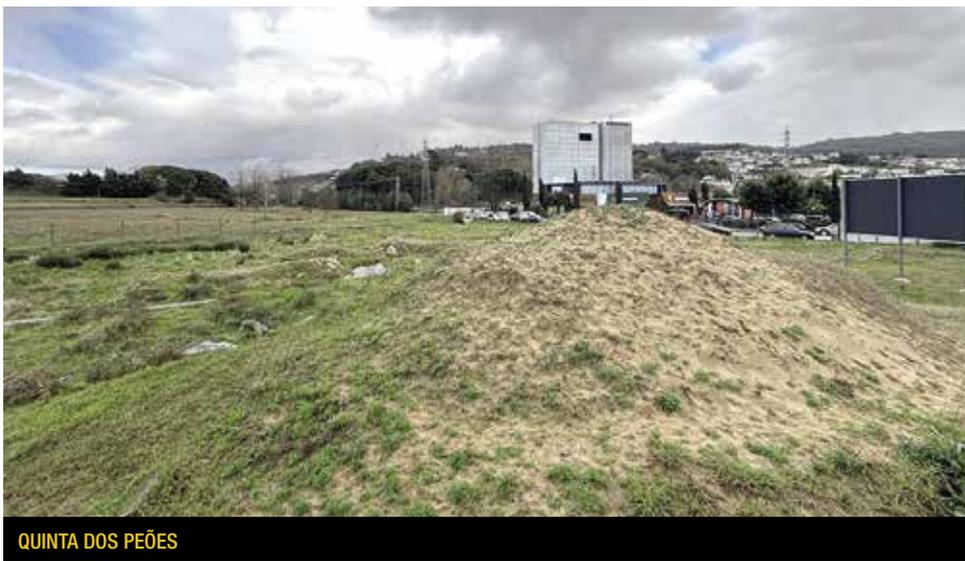
Os fragmentos de “Entre Aspas” que se publicam a seguir, não refletem devidamente a variedade de causas, temas, estudos, acontecimentos e autores, que 40 anos da publicação da *página* contêm.

São uma pequena amostra distribuída por cinco áreas, que concentram as temáticas predominantes. Inevitavelmente são inúmeras as ausências, como a arqueologia. Esperamos que os leitores possam, a partir desta “amostra”, reconhecer a qualidade da “fazenda”...

# 1. CAUSAS HISTÓRICAS

## A Quinta dos Peões e o interesse público

Conselho Diretivo, 29.07.2013



QUINTA DOS PEÕES

“A Câmara Municipal de Braga acaba de aprovar o plano de urbanização da Quinta dos Peões. O plano prevê a construção de habitação, de alta densidade, em cem mil metros quadrados (equivalentes a 10 campos de futebol), nos terrenos que marginam, pelo lado direito, o Rio Este entre S. Pedro d’Este e a rotunda da Universidade, compreendendo nesse espaço a instalação de mais um supermercado. (...)”

A ASPA seguiu este dossiê, desde o primeiro momento, ou seja, desde o pecado original da venda de terrenos públicos a privados. Em 1998, quando as primeiras escavadoras começaram a construir o MacDonalds que, simbolicamente, inaugurou a destruição do que deveria ser o parque público, divulgou, num Entre Aspas, a sua posição crítica. Tal como há quinze anos, as posições do poder municipal e as da ASPA mantêm-se inalteradas. (...)”.

## A destruição das Sete Fontes (cenas do próximo capítulo)

Conselho Diretivo, 17.04.2000

“(...) Apesar de as Sete Fontes terem sido objecto de um pedido de classificação ao IPPAR, há cinco anos a esta parte (...); apesar da Câmara Municipal de Braga ter mencionado o assunto em sede de revisão do Plano Director Municipal; nada de substancial se passou até ao momento. Continua a não existir qualquer plano de pormenor para o local, subsistindo as orientações danosas para o futuro deste património que são visíveis na planta de ordenamento da referida revisão. Por outro lado, (...) estranha-se que, passado este tempo todo, não fossem ainda tomadas quaisquer medidas de avanço sobre a fase de «abertura do processo”.

.....

“A recente revisão do Plano Director Municipal de Braga (PDMS) de Novembro de 1999, (...) põe em causa não só a sustentabilidade, como a preservação do complexo de abastecimento de água à cidade de Braga do século XVIII, denominado das Sete Fontes. Assim, ao arripio dos procedimentos expectáveis e das cautelas recomendadas pelo processo de classificação em curso, aberto pelo IPPAR em Março de 1995, a Câmara Municipal de Braga, além de à *posteriori* ter projectado a abertura de uma via de circulação variante, com duas faixas de rodagem a sobrepor um dos elementos mais significativos do sistema, incluiu também a maior parte do referido complexo das Sete Fontes na rubrica dos espaços urbanizáveis. (...)”.

## Para a história do Mosteiro de Tibães

Luís Costa, 01.05.2000

“(...) De vez em quando, uma outra voz se levantava para que o Estado salvasse da ruína total o famoso monumento. Mas depressa era esquecida e tudo ficava na mesma. É justo lembrar aqui o nome do Prof. Doutor Aurélio de Oliveira, que com a sua tese de doutoramento trouxe de novo à luz da ribalta o problema de Tibães (...). Mas a última e verdadeira contribuição para que o processo de tomada de posse pelo Estado do Convento e respectiva cerca ficou a dever-se ao furtivo caso da compra, por parte da Câmara de Braga, para evitar a sua saída de Braga ou até do País, da fonte do Jardim da Estrebéria ou de São João, (...) que durante alguns anos esteve a embelezar o Largo da Arcada. Este facto deu como resultado uma forte reacção das forças vivas da cidade que (...) tomaram conhecimento, *in loco*, do que se estava a passar com aquele monumento. O primeiro alerta foi dado por uma pequena notícia publicada no *Correio do Minho*; que deu como resultado a direcção da Aspa ter sido convocada pelo presidente da Câmara, que justificou a compra e logo garantiu que quando o Mosteiro passasse para a posse do Estado ou da Câmara a fonte voltaria ao seu lugar, estando desta maneira salvaguardada.

E assim, em 1978, a fonte veio ocupar o largo da Arcada. Depois surgiram várias reuniões na Câmara, Governo Civil, Entidades de Defesa do Património (ASPA), Ministério da Cultura e outros interessados na conservação do Mosteiro. A Aspa organizou uma visita guiada ao conjunto arquitectónico de Tibães, (...) que teve uma adesão extraordinária. O sócio da Aspa, Dr. Ademar Santos, então colaborador do semanário *Expresso*, fez publicar neste jornal uma grande entrevista com os proprietários do imóvel e, uma Associação de Cultura de Lisboa, veio fazer com os seus sócios uma visita ao Mosteiro, Igreja e Cerca. Quer dizer, o problema que se confinava a Braga passou a ter repercussão nacional.

Finalmente, depois de muitas diligências, chegou-se a acordo com o proprietário e todo o conjunto, em ruínas, passou para a posse do Estado. (...)”.



MOSTEIRO DE TIBÃES



SETE FONTES

## 2. CAUSAS DE SEMPRE

### Um duplo atentado ao património

Conselho Diretivo, 06.11.89

“Quando, há alguns meses, a ASPA denunciava mais um atentado ao nosso património histórico – no caso a destruição do edifício da antiga “Fábrica Social Bracarense”, a mais importante fábrica chapeleira da cidade – estava longe de supor que a atitude das entidades mais directamente responsáveis, como a Câmara Municipal, se pautasse por um total alheamento do assunto, com a consequente demissão das suas responsabilidades. (...)”.

### Braga esconde o coração barroco atrás do betão triste...

Armando Malheiro da Silva, 26.06.1999

“(…) Daí o conselho oportuno aos visitantes desprevenidos: atravessem de olhos vendados e a toda a pressa os arredores dos prédios que lembram o estilo dos países de Leste... (aos autarcas e técnicos responsáveis pela gestão da cidade advirto, necessariamente entre parêntesis, que essa tirada não me parece ser elogiosa, antes uma constatação sombria que aproxima o gosto dos arquitectos, empreiteiros e urbanistas do nosso burgo do mal apreciado estilo arquitectónico dos países do antigo bloco comunista). Um remoque brutal ao (bom gosto) dominante na cidade... O autor [do “Guide du Routard”, 1997-1998] sugere ainda a conveniência de se fugir dos engarrafamentos constantes durante todo o dia. Se bem o entendo o turista devia aterrar/sair de helicóptero e uma vez no Centro Histórico, apreciar algumas belezas ainda preservadas e certos lendários prazeres da boca: bacalhau à narcisa e frigideiras acompanhadas por um bom vinho verde do Minho”.

### Continua, em Braga a “sinistra” noite do fachadismo

José Moreira, 02.10. 2000

“(…) Em Braga, alegremente, continua a destruir-se o património, objecto de atentados consecutivos e que ficam impunes, apesar de alguns gritos de alarme - como este - ecoarem como protesto vivo e veemente - inconsequente ou não, pouco importa - mas gritado decidida e firmemente contra os chamados «ventos da história». (...)”.

Braga não tem a monumentalidade que os seus XX séculos de história admitiam (...). As vereações vergadas a uma como que fatalidade atávica - exacerbada sempre pela pressão partidocrática do momento - deliberam destruir mais do que construir com harmonia e beleza. As vereações (...) contam com a passividade das massas

que vão votar um papelinho nas urnas - que nome horrendo este! (...). Neste preciso momento, a destruição continua, no Largo da Senhora-a-Branca, no que foi o Palacete Matos Graça e o seu jardim, edificado na segunda metade do século XIX. Imóvel que ostentava uma certa monumentalidade - com as limitações epocais de indefinição de estilo - morre agora irremediavelmente às mãos do carrasco invisível, mas omnipresente na malha urbana que herdamos. (...) Em Braga continuamos a viver a «sinistra noite» do fachadismo! Permanecem as fachadas - quando permanecem - como concessão piedosa dos autarcas aos que se dizem defensores do património construído e ao próprio património! É obra!”

### O Recolhimento das Convertidas estará em risco?

#### A imagem urbana da Avenida Central estará ameaçada?

Conselho Diretivo, 29.04.2019

“A ASPA está muito apreensiva com o impacto do projeto de uma unidade hoteleira de volumetria relevante, com cinco pisos, incluindo um parque de estacionamento subterrâneo e massiva ocupação de parte do interior do quarteirão, a poucos metros de um Monumento de Interesse Público - o Recolhimento de Santa Maria Madalena ou das Convertidas, situado na Avenida Central. (...)”.

Dada a centralidade, importância e sensibilidade patrimonial da área para onde está previsto o hotel, que se encontra em Zona Especial de Proteção (ZEP) do Recolhimento das Convertidas, (...) esperava-se maior rigor e exigência na análise do projeto por parte da Direção Regional da Cultura Norte (DRCN) e da Câmara Municipal de Braga (CMB). (...) Porque motivo a DRCN, que se opôs durante dois anos ao projeto, ao que sabemos, dá agora o seu aval ao Hotel? (...)”.



HOTEL PLAZA CENTRAL. IMPACTO NA FRENTE URBANA

## 3. CIDADANIA E PATRIMÓNIO

### Uma imagem vale mais do que mil palavras

Henrique Barreto Nunes, 17.02.1997

“Lentos, os olhos percorrem o espaço visível do antigo Campo da Vinha.

Os espaços em volta das vedações, dos tapumes que o ocultam, permitem adivinhar, de entre guindastes, gruas e o estaleiro de obras, as estruturas que lá se vão erguendo.



CAMPO DA VINHA

Lentos, os olhos incrédulos, observam o nível da plataforma mais alta, do futuro parque de estacionamento, que já atinge o primeiro andar do Lar Conde de Agrolongo. No lado oposto são as antigas casas comerciais, que ajudaram a dar vida a aquele espaço, que quase deixam de ser ver.

Lentos, os olhos espantados esbarram com a construção que surge a meio, cuja volumetria trai toda a história do antigo Campo da Vinha, aberto no século XVI. (...)”.

### Em busca de uma estratégia cultural

Conselho Diretivo, 14.09.2020

“(…) São vários os requisitos para se conseguir um bom planeamento cultural, sobretudo quando o projetamos no longo prazo (lembramos que o horizonte proposto é 2030) e quando nos situamos numa cidade como Braga, onde quase tudo está por fazer. De forma muito simples, diremos que é fundamental nunca perder de vista a exigência de independência, que deve ser reivindicada por quem faz o trabalho e outorgada por parte de quem o encomendou. Quem assume a responsabilidade técnica do projeto deve ter o distanciamento necessário para perceber o contexto sem comprometimentos e a maturidade adequada para não ceder às inevitáveis pressões para ouvir uns e invisibilizar outros, para dar destaque ou colocar na sombra, pessoas, projetos ou instituições da cidade (...)”.

## SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DAS SETE FONTES Uma vitória da Cidadania e um compromisso cumprido

Conselho Diretivo, 28.09.2021



VISITA ÀS SETE FONTES

“O Plano de Urbanização das Sete Fontes foi, finalmente, publicado em Diário da República (Aviso nº 1800/2021, de 24 de setembro). É o culminar de um processo longo, repleto de dificuldades e dispendioso, que podia ter sido evitado se, no final da década de 90 do séc. XX, o município de Braga tivesse atendido ao alerta da ASPA (pedido de classificação do monumento apresentado em 1995) e às recomendações do Instituto Português de Arqueologia (1999), quando o PDM de Braga se encontrava em fase de elaboração. Em 2001, a Revisão do PDM de Braga foi publicada, em Diário da República, ignorando a existência do monumento e do manancial de água que o suporta, bem como a qualidade do seu enquadramento paisagístico. (...)”

A defesa das Sete Fontes é uma vitória da CIDADANIA, uma vez que foi um movimento de cidadãos criado em 2009 - Petitionários pela Salvaguarda das Sete Fontes – que, 16 anos depois do pedido de classificação apresentado pela ASPA, conseguiu que a Assembleia da República Recomendasse ao Governo a classificação do Sistema de Abastecimento de Água à cidade de Braga, no século XVIII (conhecido por complexo das Sete Fontes) como Monumento Nacional e, finalmente, em 2011, fosse publicada a classificação em Diário da República. (...)”

## 4. PATRIMÓNIO AMBIENTAL

### Se o asfalto e o betão embrutecem, a árvore humaniza

Raúl Rodrigues, 06.10.2010

“Os espaços verdes têm um papel importante na melhoria das condições de habitabilidade das áreas urbanas: ajudam a regular o clima das cidades, minimizam a ilha de calor, contribuem para a diminuição do consumo de energia para a climatização, protegem o lençol freático e contribuem para o aumento a área de infiltração das águas pluviais. Além disso, contribuem também para a redução de certos poluentes atmosféricos e da poluição sonora e oferecem ainda benefícios ao nível ecológico e social (...)”

Uma questão muito discutida quando se fala em vegetação urbana, diz respeito ao índice de áreas verdes, em que o rácio “área verde/habitante” é o indicador amplamente utilizado. Para Portugal, a Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU) recomenda para zonas urbanas, 40 m<sup>2</sup> de área verde/habitante. Um estudo realizado na Universidade do Minho no âmbito de uma tese de mestrado em Engenharia Municipal (área de especialização em planeamento urbanístico) refere que no Concelho de Braga, existem à volta de “12 m<sup>2</sup> de espaços verdes públicos por habitante. Este valor é ainda muito mais baixo na zona urbana, o que o torna manifestamente preocupante e insuficiente para uma cidade como a que Braga perspectiva ser.”

### Melhorar o Parque Verde Urbano para minimizar fenómenos climáticos extremos <sup>(2)</sup>

Conselho Diretivo, 04.03.2019

(...) refletimos sobre a preocupação da ASPA relativamente ao abate de árvores em Braga, apelando à realização de estudos específicos, com equipamento adequado - fitossanitário

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

### Para conhecer, valorizar e defender o património cultural

Teresa Barbosa, 05.12.2022

“Desde 2018 que as escolas são desafiadas a fazer opções adequadas a cada contexto educativo, de modo a garantir que cada aluno faça aprendizagens esperadas em cada ano/ciclo, sempre que possível com recurso a projetos de natureza interdisciplinar e articulados com o território. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania são dois referenciais base para este novo paradigma educativo. (...)”

Para facilitar aprendizagens, associadas ao território, é essencial que crianças e jovens sejam envolvidos em dinâmicas que os tornem capazes de transformar a informação em conhecimento útil e se assumam como cidadãos atentos e interventivos na

comunidade onde residem. Uma vez que a Educação não se restringe ao espaço da sala de aula e/ou da Escola, é fundamental que sejam criadas oportunidades para que as crianças e jovens possam ter papel ativo em projetos que facilitem a curiosidade e a descoberta relativa a património local (...)”



PROJETO ESCOLA-PATRIMÓNIO

e biomecânico – de modo a obter-se certezas sobre as árvores que se encontram, efetivamente, em estado de debilidade estrutural e que, por isso mesmo, apresentam risco de queda sobre pessoas, veículos e outros bens. Para que só essas sejam retiradas do espaço público. (...)”

Alertámos para a importância da definição de um plano de substituição por exemplares de porte adequado, e de acordo com as condicionantes biofísicas do local, uma vez que árvores adultas, e de grande porte, são de grande importância ambiental no espaço urbano.

Daí a importância de o Pelouro do Ambiente esclarecer, junto dos bracarenses, que cidade vamos ter no futuro em termos ambientais, que política de manutenção e reabilitação dos espaços verdes e que educação ambiental vai implementar, junto da população, na área dos espaços verdes urbanos e, também, qual a estratégia de planeamento urbano que a CMB vai adotar para nos adaptarmos às alterações climáticas (...)”



ÁRVORES ESTUDADAS E SINALIZADAS PARA INTERVENÇÃO

## 5. ESTUDOS E DOCUMENTOS

### Reabilitar o Centro Histórico de Braga

Francisco Sande Lemos, 13.02.2012

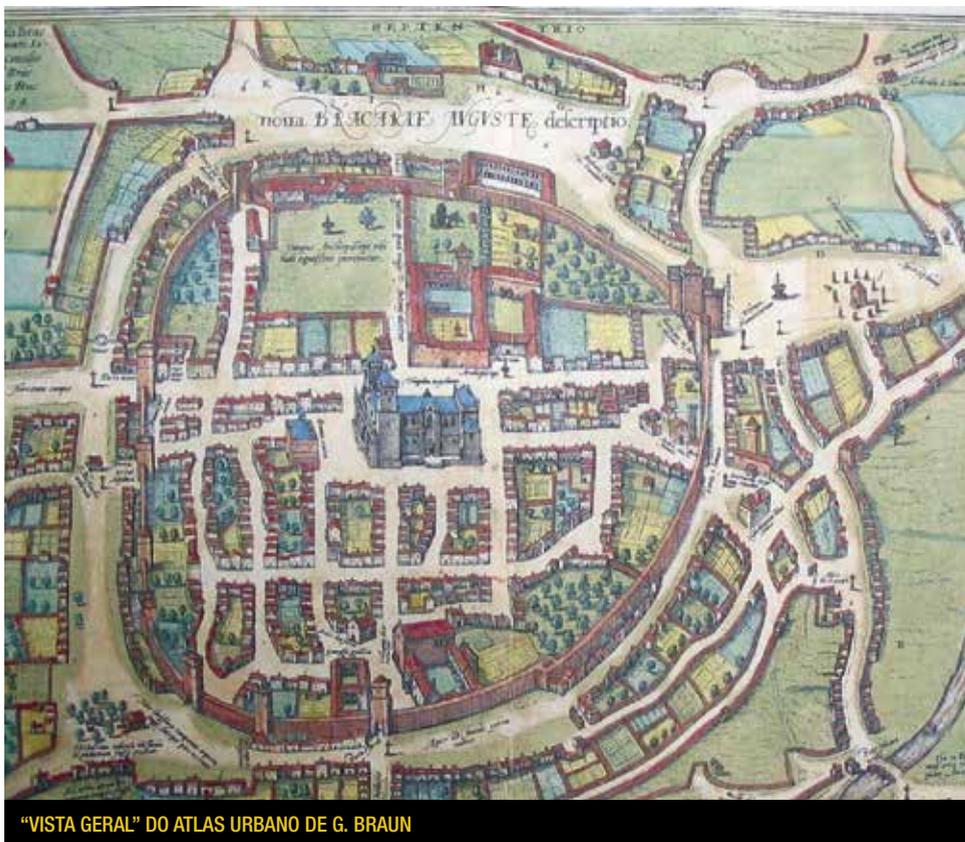
“(…) Na década de 70 do século passado o conhecimento sobre a história da cidade de Braga ainda era reduzido. Entretanto realizaram-se numerosos trabalhos tanto no âmbito da Arqueologia e a História da Arquitectura como no do Urbanismo romano, medieval, da Idade Moderna e contemporâneo. Esses estudos, embora ainda haja um longo caminho a percorrer, são fundamentais. Braga não é uma cidade única (…) mas sim uma soma de vontades individuais e colectivas sobrepostas no mesmo espaço, processo no âmbito do qual ao longo dos séculos ora se apagaram os vestígios dos períodos anteriores ora os adaptaram, entrecruzando-se vários tempos, de modo que se formou uma malha intrincada (…)”

Houve um esforço meritório [Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga], mas julgo que por exemplo a marca da antiguidade clássica no tecido urbano actual das zonas históricas não foi compreendido em toda a sua importância. Por isso surge o termo de “cidade invisível” de que se apenas seriam observáveis alguns monumentos, como a Fonte do Ídolo, o Teatro e os banhos anexos, as *insulae* (da Escola da Sé e das Carvalheiras), a *domus* do Seminário de Santiago (não é uma lista completa). Sem pretender diminuir estes lugares como faróis de Braga romana, parece-me que o modelo clássico de *Bracara Augusta* é mais imponente, porque se conserva no alinhamento de numerosas artérias, de extensão variada. (…)”

Outro aspecto importante: não há em Braga uma cidade medieval orgânica, como talvez em Guimarães. Em Braga o burgo medieval filia-se directamente na cidade da Antiguidade Tardia. É durante esta fase que o centro urbano se desloca do *Forum* (Largo Paulo Orósio) para a basílica paleo-cristã, onde mais tarde será edificada a Catedral.”

### Aprender História Descobrimo a Cidade: D. Diogo de Sousa, da cidade medieval à urbe aberta

Miguel Bandeira, 18.09.2016



“VISTA GERAL” DO ATLAS URBANO DE G. BRAUN

(…) D. Diogo traz consigo uma nova atitude, um diferente modo de estar, que resulta do seu altruísmo de príncipe, da sua erudição e cosmopolitismo, aos quais não é estranha a condição de cortesão e figura próxima dos reis D. João II (1481-95) e D. Manuel (1495-1521).

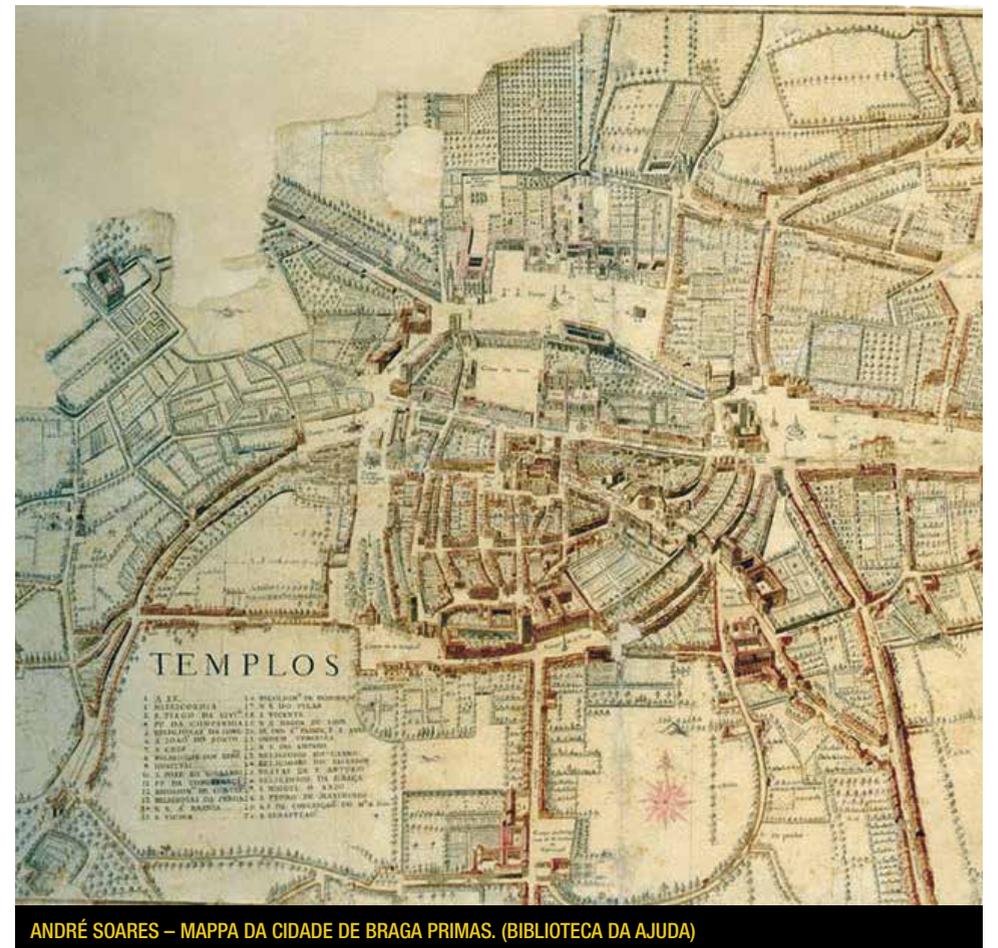
O arcebispo, tomando como palco central a cidade de Braga, marca a transição da cidade medieval, cintada nos seus limites feudais e no alcance imediato da sua catedral, para uma urbe aberta, interdependente com o seu território envolvente e com o mundo. Um dos seus legados mais perenes será, naturalmente, o mecenato urbanístico, pelo que ainda hoje não é possível compreender a individualidade do centro histórico de Braga sem conhecer a sua obra (…)”

A expressão com maior alcance da sua obra inscreve-se, pois, ao nível da infraestrutura urbana, naquilo que hoje em dia se designaria de obras públicas. Note-se, a expensas próprias e das rendas da mitra, D. Diogo encetou uma política de mecenato que não tem qualquer paralelo na história conhecida de Braga.

Veja-se a abertura e a rectificação de vias e praças, os novos equipamentos colectivos, e reforma dos existentes, passando pelo abastecimento de água à cidade e o arranjo do espaço público. Entre as mais estruturantes, que ainda hoje desempenham um papel crucial na cidade, salientáramos a abertura da rua Nova, que muito justamente detém o seu nome, sendo ampla e rectilínea de acordo com o padrão da época (…)”.

### Aprender História Descobrimo a Cidade: Braga, século do ouro <sup>(2)</sup>

Eduardo Pires de Oliveira, 18.04.2017



ANDRÉ SOARES – MAPPA DA CIDADE DE BRAGA PRIMAS. (BIBLIOTECA DA AJUDA)

“(…) Braga foi, sobretudo, um enorme alfofre de artistas, muitos deles absolutamente excepcionais, que nos deixaram um sem fim de obras-primas. Pese o exagero da comparação, sempre que tentamos imaginar a Braga de Setecentos logo nos vem à ideia as cidades de Atenas, no século V a.C., e Florença, no século XV.(…)”

(…) Ao falar de artistas em Braga, logo nos vem à memória o nome de André Soares. Aqui não há exagero se o considerarmos um dos mais eminentes vultos da arquitectura do tardobarroco e do rococó europeu (…)”.

Os textos respeitam a ortografia original.

Caso haja interesse, na consulta dos “Entre Aspas”, agradecemos que nos contactem através do *e-mail* acima indicado.